



Ilustração Adobe Stock

reflexão

Nem todo viandante anda estradas. Da humanidade como prática: crítica e **estética na 36ª Bienal de São Paulo**

POR **RICARDO CARVALHO**

O título “Nem todo viandante anda estradas é baseado no poema de Conceição Evaristo – Da Calma e do Silêncio –, no seguinte trecho (desta caminhada)

“Quando meus pés abrandarem na marcha, por favor, não me forcem. Caminhar para quê? Deixem-me quedar, deixem-me quieta, na aparente inércia. Nem todo viandante anda estradas, há mundos submersos que só o silêncio da poesia penetra”. Conceição Evaristo

A escolha do curador africano de Camarões, Bonaventura Ndikung, se manifesta neste poema-manifesto a proposta conceitual e experimental desta que é a segunda maior e mais importante Bienal do mundo (perdendo apenas para a Bienal de Veneza).

Vale ressaltar também a confecção de uma curadoria coletiva com dois cocuradores brasileiros presentes na equipe. Tendência da gestão coletiva advinda dos povos originários que infelizmente ainda não vemos presente no mundo corporativo. Se a Arte tem o poder de antecipar a realidade, vamos resgatar a fé no futuro do Mundo do Trabalho Humano.

“Da Humanidade como prática viva” e não apenas como um conceito, desloca de imediato a noção de percurso como algo dado e previsível. Não se trata apenas de seguir um caminho, mas de compreender a caminhada como invenção, desvio e errância. Acrescentar “da humanidade como prática” amplia o horizonte: o caminhar não é apenas metáfora estética, mas exercício existencial, modo de ser e de viver em comum. Sendo o silencio e a escuta uma espécie de “*setting*” clínico para permitir o acesso a mundos ocultos, não visíveis e sutis.

Em meio ao caos e à fragmentação, assim como a crescente insegurança global: geopolítica psíquica e social, os encontros de uma Humanidade aberta entre mundos variados e diversos são a proposta curatorial deste que nos traz à África, mãe de todos nós, em seu DNA.

Os Eixos dos mundos, onde fricções e atritos em conflitos mortíferos se deslocam, é preciso convocar a alegria dos povos em sua Humana Arte de práticas é o verbo Humanizar já que sofremos um déficit do Humano enquanto Ser.

Aqui, a errância, mas que um desvio intencional se situa como estética vivida. Em grego, Aestesis significa sensibilidade. Neste sentido, a figura do viandante aproxima-se do flâneur de Walter Benjamin, mas com diferenças significativas. Enquanto o flâneur se move pelas ruas da modernidade para captar suas imagens fragmentadas, o viandante da Bienal não se limita a observar: ele fabrica desvios, improvisa atalhos, arrisca-se na incerteza. A curadoria, nesse sentido, se aproxima da concepção de Georges Didi-Huberman de “sobrevivências” (*Nachleben*): fragmentos, rastros e lampejos que persistem e se atualizam em novas constelações. Cada obra funciona menos como destino e mais como encruzilhada, lugar de trânsito e de suspensão. Tanto a suspensão fenomenológica de Merleau Ponty na sua *Epoché*, que nos convida a suspender todos nossos pré-julgamentos, como a multiplicidade rizomática de Gilles Deleuze e Félix Guatarri também estão presentes nesta Bienal que promete resgatar o Gesto Humano como Arte. O gesto, concebido como rizoma, é uma forma de organização

não hierárquica e múltipla. Este grande gesto não seria a Gestão em seu superlativo humano-existencial? *The Business World* não está sofrendo de déficit (de atenção) humanitário?

Esta Bienal do “andejante” nos oferece um resgate ancestral e originário, (re)unindo outra vez África e Brasil, o que nos obriga a passar por mundos variados (dentro de nós?) e muitas vezes hostis e colonizadores, onde arte e resistência renascem na nossa natureza de peregrinos da mãe Terra.

A Bienal, nesse horizonte andador, não é uma estrada linear, mas um campo rizomático, onde as conexões entre obras e experiências não obedecem a uma lógica central, mas proliferam lateralmente em saltos e bifurcações. O visitante, convertido em viandante, é convocado a habitar essa multiplicidade, não como quem busca o todo, mas como quem se perde e se reinventa a cada encontro.

No nosso território de errância, no caminho encontramos a Brasilidade. Na Terra *Brasilis*, a metáfora do iandante adquire ressonâncias específicas. O país é tecido por travessias: deslocamentos coloniais, diásporas africanas, migrações indígenas forçadas, fluxos de retirantes e exilados. A Bienal não apenas expõe obras; ela ressoa esse movimento histórico, convocando a memória de caminhadas interrompidas e trajetórias invisibilizadas. Ao declarar que “nem todo viandante anda estradas”, a curadoria reconhece que a experiência brasileira é também feita de caminhos apagados, atalhos inventados, sobrevivências que insistem em existir para configurar nossa Brasilidade num *working progress* no porvir que se configura voo o mais mix global. A Cultura é a Estratégia do nosso perspectivismo amerindioafroeuroreinventado

A humanidade como prática. A inclusão da expressão “da humanidade como prática” acrescenta uma dimensão ética e antropológica. A caminhada não é apenas um gesto individual, mas a prática coletiva que define o humano. Caminhar, errar, inventar percursos: eis modos de se constituir enquanto humanidade, modos de resistir à captura da vida por trajetórias impostas e mesmo sutilmente implantadas e recaladas.

A Bienal propõe que a arte pode ser espaço onde a humanidade se exerce como prática — não como essência fixa, mas como abertura para o outro, como invenção contínua de formas de coexistir, negociar e criar.

Esteticamente, o título é uma recusa da teleologia, da narrativa única linear politicamente; é uma crítica à norma e ao progresso como destino incontornável. O caminhar, aqui, é resistência: errar não como erro, mas como abertura e caminho de acerto. Trata-se de

afirmar que a arte não deve apenas conduzir o visitante a uma conclusão, mas permitir que ele se torne viandante de si mesmo — alguém que, ao atravessar a Bienal, crie sua própria cartografia sensível e crítica; deixar-se ser atravessado e sofrer atravessamentos.

Se propor a atravessaé a 36^a Bienal de São Paulo é se estabelecer como campo de errância estética, política e antropológica e mesmo psíquica, pois a alma é transformada. Não aguarde estradas lineares, mas multiplicidades de percursos, que se entrecruzam sem jamais se fundirem em unidade. O visitante, ao aceitar o convite da curadoria, descobre que andar é também pensar, que errar é também criar, e que todo viandante, mesmo sem estrada, carrega em seu corpo e olhar a possibilidade de reinventar a própria humanidade como prática viva.

RICARDO CARVALHO é Pós Doutor em Art for Management-RMS-France. Doutor em Sociologie Clinique-LCS_Paris 7. Diretor e fundador do Bureau de Art for Management.